

O.C.A OCUPAÇÃO COLETIVA DE ARTEIRXS: 3 anos de atividades e resistência

Mauricio Ploenals¹

Com a abertura das portas do prédio 1 da rua Dona Mariana na primavera de 2014, a O.C.A - Ocupação Coletiva de Arteirxs inaugura seus ciclos de vivências em residências e atividades como uma utopia coletiva, uma vírgula no momento político que se desencadeava na cena cultural Pelotense, uma bolha para a resistência de pensamentos adversos, um ponto de fuga.

Essa experiência é a conexão de muitas vontades, projetos que estavam por eclodir, planos esmiuçados e mapeados, que ardiam por acontecer, na sequência da efervescência do inverno de 2013², que nos causava nostalgia.

Ação direta e POW!

Assim insurgiu a O.C.A, um furo de bala do sistema, para expor a proposição de ações e práticas, de múltiplas vontades, que se desenvolveu com a força de vontade de visionários que acreditam que a realidade é uma invenção, com a coragem, a perseverança e a resistência para criar, inventar e ressignificar, todos os dias uma forma de vida baseada na autonomia e no apoio mútuo.

Acredito, ou ao menos gostaria de propor, que a única solução para a “supressão e realização” da arte está na emergência da T.A.Z (Zona Autônoma Temporal). Rejeito veementemente quem diz que a própria T.A.Z não é “nada além” de uma obra de arte, muito embora ela possa vestir alguns desses enfeites. Eu sugiro que a T.A.Z é o único “lugar” e “tempo” para a arte acontecer pelo mero prazer do jogo criativo, e como uma contribuição real para que as forças que permitem que a T.A.Z se forme e se manifeste. Hakim Bay³

A O.C.A. desde o princípio proporciona um oásis para as crianças do entorno e para a comunidade que faz do tempo de ócio um momento de convivência e trocas e para os nômades que circulam em Latino América e adentram ou escapam do território brasileiro pela fronteira sul, um ponto de apoio estratégico aos viajantes, um lugar solidário e hospitaleiro aos que não têm paradeiro fixo.

Uma troca natural e sem prestação de contas que o espaço exige para sua manutenção e funcionamento, onde cada ocupante se voluntaria para suprir a demanda e soluções práticas de gestão, de acordo com a sua capacidade de desenvolver as tarefas e colaborar com novas propostas.

¹ Mauricio Ploenals - Artista visual, vive e trabalha em Pelotas-RS. Graduando em artes visuais na Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Tem sua trajetória a partir de experiências de análise das ações no cotidiano e as condições que o mundo contemporâneo opera sobre os modos de vida. A partir de ações/propostas os trabalhos se desdobram no processo Inter-relacionando mídias que transitam entre desenhos, objetos, performances, intervenções e registros em vídeo e fotografia, estabelecendo conexão com o contexto social, ambiental e político.

² No inverno do 2013 –alusão a Junho de 2013 revolta popular catraca livre e reverberações...

³ Bay. Hakim – zona autônoma temporal

A O.C.A. permanece hoje com suas plenas atividades e neste mês de novembro 2017 comemorou seu terceiro ciclo solar, desconstruindo no cotidiano os padrões e vícios do capital que sustentado pela hierarquia fundamentada no patriarcado que faz de cada indivíduo um opressor autoritário.



Figura 1 e 2 - Flutuante.
Foto: Mauricio Ploenals.

Figura 3 - Flutuante.
Foto: Maurício Ploenals.



Ateliê desenvolvido como proposição para ativação do espaço como instalação artística e experiência ultradimensional.

Figura 4 - Sala Negra. Projeto Maloca.Lab - Laboratório de práticas experimentais Urbanomades e outras maloqueiragens. 2015 – Por: Cristiano Araujo, Maurício Ploenals e Rogério Marques com a participação de Vítor Pavan e Renato Uveda.



A Sala Negra serviu como ponto crítico para o questionamento do desenvolvimento da cidade de Pelotas, neste local nos reuníamos para observar e mapear a cidade de uma perspectiva avantajada a fim de propor ações e práticas de insurgência e reivindicação do direito à cidade.



Figura 5 - Ocupa Palestina. Projeto Maloca.Lab - Laboratório de práticas experimentais Urbanomades e outras maloqueiragens. 2015 - Por: Cristiano Araujo, Maurício Ploenals e Rogério Marques, com a participação de Vítor Pavan e Renato Uveda.

Instalação de dispositivos de moradia, Micro Squat Peri Planeta Americana, A posse simbólica da terra, Micro Galeria de Arte CAÔ e Jardins de Transposição de Paisagem.

Ação direta de reapropriação do espaço público da praça palestina, local ameaçado pelo interesse das incorporadoras e construtoras que no momento direcionavam interesse de empreende nesta área verde. A ocupação serviu como uma forma de manifestar e interagir com a comunidade que vive no entorno e reclama por ausência de condições de configuração de praça, como mobiliário urbano, passeios e paisagismo.



Figura 6 - Horta Comunitaria de jardinagem de guerrilha 2015.
Foto: Maurício Ploenals.

Horta Comunitaria de jardinagem de guerrilha 2015. Ação coletiva de apropriação do espaço público, para o cultivo agroalimentar de qualidade sem agrotóxico e plantas de poder medicinal. Removida pela S.Q.A secretaria de qualidade ambiental de Pelotas. 2015. A horta perdeu sua configuração mas as plantas com suas raízes resistiram a ação da prefeitura e seguiram seu desenvolvimento. Em seguida da remoção continuamos plantando neste local.



Instalação de acondicionamento do espaço e configuração para atividades simultâneas. Possibilita uma neutralidade visual em conjunto com o espaço de exposição. A obra foi construída com a ressignificação de plantas arquitetônicas de papel de seda sobre a estrutura de bambu sobre mezanino de vidro reaproveitado que pende sobre o vão da escadaria.



Figura 7, 8 e 9 -Ateliê Expandido, 2016, Mauricio Ploenais e Emanuela di Felice.